

O PINIÃO



O último trunfo de Dhlakama

A campanha eleitoral que acaba de iniciar tem um significado diferente, talvez histórico, se comparada com todas as outras. Obviamente que existe um candidato e um partido favorecidos (Nyusi e a Frelimo), mas, diferentemente daquilo que acontecia no passado, mais dois candidatos com os respectivos partidos prometem

ser competitivos. Os motivos são de várias naturezas; entre eles, podem ser recordados os seguintes:

1. Existem três forças políticas com três líderes fortes, Nyusi-Frelimo, Dhlakama-Renamo, Simango-MDM. As três duplas têm características completamente diferentes. A primeira

tem uma grande vantagem e pelo menos duas desvantagens: a vantagem assenta no facto de a Frelimo continuar de longe como o partido melhor organizado e com meios económicos incomparáveis relativamente aos adversários, podendo gerir à vontade a máquina do Estado,



Luca Bussotti



que controla em quase todos os seus gânglios. As duas desvantagens têm a ver com, por um lado, a herança e a popularidade deixadas por Guebuza: uma herança complicada, em que o fosso entre ricos e pobres tem vindo a aumentar constantemente, e em que as oportunidades de realização dos sonhos dos mais jovens e instruídos afunilaram-se em relação à governação de Chissano, sem travar uma luta séria contra a corrupção e limitando algumas das liberdades fundamentais, tais como a liberdade de imprensa. A assinatura do acordo com Dhlakama constitui o resultado mínimo (e provavelmente perseguido muito mais pelos dirigentes da Frelimo do que pelo próprio presidente) que Guebuza podia conseguir. A eventualidade de deixar Moçambique numa situação de guerra ia significar o aproximar-se do fracasso eleitoral pela Frelimo, vista como aquele partido que nem conseguiu manter a paz. A segunda desvantagem tem a ver com

a própria personalidade do Nyusi: ele é pouco conhecido pelas populações, e vai ser preciso portanto um grande trabalho de marketing eleitoral para tornar essa figura mais popular, e sobretudo mais afastada do Presidente cessante, ao passo que os outros dois candidatos são, hoje em dia, conhecidos. A segunda (Dhlakama - Renamo) era dada, até poucos dias atrás, como moribunda, o seu líder “em parte incerta” durante mais de um ano, as expectativas eleitorais extremamente negativas. Entretanto, a última “jogada” de Dhlakama – que será explicada no ponto a seguir – poderá ter subvertido esse cenário sombrio, ao menos parcialmente; finalmente, a última – que governa quatro importantes municípios do país – vai concorrer pela primeira vez em todos os círculos eleitorais, medindo a força do partido assim como do seu candidato, Simango. Este último tem feito um periplo do país muito bem-sucedido na fase da pré-campanha, falando uma linguagem nova e dirigindo-se aos mais jovens. Entretanto, o último trunfo de Dhlakama e uma certa passividade nas negociações que culminaram com o novo acordo entre Guebuza e Dhlakama poderão ter tornado mais difícil uma situação que continua promissora mas problemática se comparada com os dias anteriores à assinatura do dito acordo.

2. O último trunfo de Dhlakama pode, portanto, ter alterado significativamente o quadro eleitoral que parecia restrito a uma corrida a dois, Nyusi-Frelimo contra Simango-MDM. Eis porque: em termos de conteúdos, se formos ver o texto do acordo, as novidades que ele traz são poucas. Se trata de pontos que já, em larga parte, tinham sido previstos pelo Acordo de Roma, mas que foram desrespeitados ou ignorados. Aquilo que Dhlakama trouxe de novo (e não é pouca coisa, embora o próprio MDM deu alguma contribuição neste sentido na fase de discussão da lei no Parlamento) tem a ver muito mais com a lei eleitoral do que com a reinserção social e no aparato militar dos antigos (e recentes) combatentes da Renamo. Mas, agora como nunca é o significado simbólico dos acordos assinados que provavelmente produzirá dividendos eleitorais em favor de Dhlakama. Acima de tudo, obrigou Guebuza e a Frelimo a uma negociação desgastante; em segundo lugar, conseguiu estar no centro do cenário político durante quase dois anos de uma forma paradoxal, ou seja, através da sua ausência; terceiro: praticamente todos os pontos da sua agenda foram aceites pelo Governo que, provavelmente pressionado inclusive pela comunidade internacional, teve a necessidade de concluir o acordo antes do início da campanha eleitoral; quarto: Dhlakama, nesse ano e meio de ausência, mandou uma mensagem indirecta mas clara. Não foi para estrangeiro, não ficou albergado num hotel luxuoso, não usou carros à última moda ou ainda menos helicópteros. Viveu no mato da Gorongosa com um punhado de homens, esperando que o Governo aceitasse as suas reclamações. Numa altura em que os moçambicanos estão fartos da ostentação, pela elite dominante, das suas riquezas muitas vezes

adquiridas de forma ilícita, ver um ancião líder lutar ainda pelos seus ideais em condições logísticas precárias constituiu um trunfo eleitoral ímpar, digno do melhor estratega de marketing político das democracias ocidentais. O retorno de Dhlakama à Maputo foi acompanhado por massas exultantes, como nunca tinha acontecido antes, ainda mais quando Dhlakama apresentasse (outro paradoxo) como o mais esquerdista dos políticos moçambicanos, pautando pela redistribuição da riqueza e pela justiça social.

3. Como é que esta nova situação traduzir-se-á em termos eleitorais? Impossível responder a essa pergunta, por duas razões: em Moçambique não existem sondagens públicas e, em segundo lugar, mesmo existindo, elas refeririam-se a uma dada altura, nesse caso a aproximadamente um mês antes das eleições. Ao passo que a mobilidade eleitoral (sempre mais provável, como demonstram as últimas eleições autárquicas, inclusive no Sul do país) representa um dado adquirido hoje em Moçambique. Muita coisa, portanto, ainda poderá acontecer ao longo da campanha, mas a sensação é que a entrada de Dhlakama na luta política tem alterado significativamente o quadro anterior. Como? Mais uma vez, será possível apenas delinear hipóteses:

a) O efeito-Dhlakama não irá conseguir durar por mais um mês, portanto o quadro anterior de uma disputa bastante renhida entre Nyusi e Simango permanecerá, com perspectivas de uma segunda volta entre os dois;

b) O efeito-Dhlakama poderá ter, como mais importante efeito, elevar o número de eleitores que irão efectivamente votar, chamando às urnas os renamistas de comprovada fé, determinando um nivelamento dos resultados de todos os partidos e candidatos, com consequências imprevisíveis;

c) O efeito-Dhlakama poderá erodir os votos da Frelimo (sobretudo no Sul) ou do MDM (sobretudo no Centro e no Norte), ou dos dois. Nesse caso será decisivo saber quantos desses votos Dhlakama conseguirá puxar para o seu lado e se este número será, eventualmente, suficiente para lhe levar a uma segunda volta contra, supostamente, Nyusi.

De qualquer maneira e qualquer que seja o êxito final, ninguém poderá negar a habilidade eleitoral desse líder, que tem jogado o seu último trunfo de uma forma tanto inesperada quanto funambulesca.